

PENSAR, COM FOUCAULT, OS (DES)CAMINHOS DA ADOLESCÊNCIA: UM EXERCÍCIO

Tiago Viotto da Silva¹
Ana Clara Magalhães Cunha²

Resumo: O objetivo deste ensaio é problematizar a concepção de adolescência entendida enquanto um momento de crise. Para tanto, desenvolvemos um diálogo com o pensamento de Michel Foucault a partir de duas vias: de início, buscamos apresentar, a partir de seus escritos, duas formas possíveis de se pensar o problema do humano: o metafísico, interessado em questionar aquilo *que o homem é*, e o pragmático, ocupado com o problema acerca daquilo que o homem *pode e deve fazer de si*. Essa distinção conduz à hipótese de que é possível visualizar uma forte predominância de uma perspectiva essencialista junto aos saberes que produzem a adolescência em nossa atualidade. Para sustentá-la, abrimos outro vaso comunicante com os escritos de Foucault, este, porém, de cunho metodológico. Nesse sentido, nos voltamos a um conjunto de fontes advindas do campo dos saberes *psicopatológicos* para diagnosticar a fabricação recente e descontínua da concepção de adolescência entendida enquanto um período de crise e seu vínculo com uma forma específica de compreensão do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Michel Foucault, antropologia, desenvolvimento humano, adolescência.

Abstract: The purpose of this essay is to problematize the idea of adolescence understood as a moment of crisis. To this end we approached Michel Foucault's thought in two ways. First, we presented two possible ways of thinking about the human problem in his writings: the metaphysical, which questions what man is, and the pragmatic, which is engaged with the problem of what man can and should make of himself. Such a distinction leads to the hypothesis that a strong essentialist perspective can be seen to predominate among the knowledges that currently produce adolescence. To support this hypothesis we approach Foucault's writings from another front, a methodological one. We selected sources concerning the psychopathological field of knowledge to diagnose the recent and discontinuous making of adolescence, understood as a period of crisis, and its link to a specific mode of comprehension of human development.

Keywords: Michel Foucault, anthropology, human development, adolescence.

¹Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) – FCL Assis, Brasil. Processo nº 2017/15656-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). viotto.ts@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-4030-8558> / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796031877561134>

²Psicóloga Clínica e Institucional, Mestra em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). anaclara.magalhaes@gmail.com / Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9119803552998364>

Introdução

Em seu livro *Foucault: seu pensamento, sua pessoa* (2011), Paul Veyne apresenta Foucault a partir da figura de um samurai “cuja esgrima intelectual manejava a pena como se fosse um sabre” (p. 11). Valendo-se dessa construção, poderíamos, talvez, compreender que a possibilidade de atualizar o pensamento de Foucault, isto é, a possibilidade de utilizá-lo à nossa maneira, passa menos por uma tentativa de ser seu fiel discípulo do que por uma atenção aos modos pelos quais ele desenvolvia seus movimentos, de modo que possamos exercitá-los, porém, nos limites que constituem nosso presente.

Nesse sentido, nosso objetivo neste ensaio é o de problematizar a construção da adolescência entendida e universalizada em nossa atualidade enquanto um momento de crise. Para explorar essa questão nos pautaremos em um diálogo desenvolvido com o pensamento de Foucault desdobrado em duas vias. A primeira, de feição teórica, nos conduz a duas diferentes perspectivas acerca do humano, isto é, a duas diferentes antropologias discutidas por Foucault, uma metafísica e outra pragmática. Cada uma delas, por sua vez, apresentam formas diversas de compreender a história e o desenvolvimento humano: ao passo que a antropologia metafísica investe em uma concepção linear da história, apontada em direção a um futuro entendido enquanto progresso contínuo, a antropologia pragmática se circunscreve em uma síntese do presente que dispensa qualquer tipo de teleologia para afirmar as rupturas entre as estruturas temporais do passado, presente e futuro, perfazendo, assim, uma visão descontínua da história.

Entendemos que a visão continuísta da história, afastada por Foucault, como veremos adiante, não se circunscreve somente a um âmbito coletivo, mas também apresenta determinada forma de olhar para - e agir sobre - o indivíduo. Desse modo, essa construção que sugerimos na primeira parte de nossa reflexão cumpre a função de dar ensejo à hipótese de que é possível identificar junto a determinados saberes acerca do desenvolvimento do indivíduo traços daquilo que apresentamos como uma perspectiva metafísica acerca do humano, isto é, enquanto uma trajetória cujo fim encontra-se delimitado de antemão, a saber: o corpo adulto – saudável, dócil e útil; apto, pois, às demandas sociais. O alcance deste fim se mobiliza a partir da definição e afirmação do lugar específico no mundo para cada idade da vida, um processo equacional em que a criança antecede o desenvolvimento adolescente e, a este, sucede-se, por sua vez, o adulto adequado. Assim, estabelecem-se as condições para a emergência da infância e da adolescência como objeto de investigação e intervenção entre as

práticas médicas e psicológicas, acentuando a infância pelas linhas da inocência e a adolescência pelas linhas da crise.

Para questionar a naturalização desse juízo acerca da adolescência, nos debruçamos a outro diálogo com o pensamento de Foucault, este, por sua vez, de cunho mais metodológico. Trata-se, nesse caso, de distanciarmos um pouco de sua imagem e deixar seu rosto se apagar – como ele próprio sugere³ –, utilizando, pois, seu pensamento como uma caixa de ferramentas. Para tanto, voltaremos nossa atenção a um conjunto de fontes, especificamente Manuais e textos teóricos oriundos de algumas produções que constituem o campo dos saberes *psi*: psicologia, psicanálise e psiquiatria⁴ – espaços privilegiados no que diz respeito a produções acerca da formação e desenvolvimento do indivíduo. É na urdidura de tais textos que podemos localizar a presença de concepções que se materializam em função de uma ideia linear de desenvolvimento, tal como aludimos anteriormente; ademais, a partir dessas tessituras sugerimos, também, que a noção de adolescência enquanto um momento de crise possui uma história recente, iniciada a partir do início do século XX, o que permite afastá-la do ímpeto que a trata enquanto universal, necessária, em suma, como uma verdade absoluta e, por isso, incontornável⁵.

O desafio, portanto, é exercitar uma maneira de levar o pensamento de Foucault adiante. Movimento este efetuado menos pela busca de respostas definitivas do que pela possibilidade de produzir, *com ele*, novas interrogações aos modos como conduzimos nosso olhar a esta importante linha de força que constitui nossa atualidade; a expectativa, portanto, é a de que uma atitude crítica em relação a adolescência possa, simultaneamente, questionar os enunciados que a naturalizam e universalizam como etapa da vida marcada, necessariamente, pela crise e, assim, abri-la a novos processos de singularização (GUATTARI & ROLNIK, 2005).

³ “[...]vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto.” (FOUCAULT, 2013, p. 21).

⁴ Para além das fronteiras epistemológicas, saberes e práticas *psi* reúnem produções da psicologia, psiquiatria e psicanálise entorno de um liame comum: o ideário individualista como orientador da explicação do comportamento e desenvolvimento humano, reduzindo-os a uma dimensão psicológica, interiorizada. Um processo de homogeneização dos modos de subjetivação conectado a construção de redes de normalização. Para maiores considerações, conferir (COIMBRA, 1995) e (FOUCAULT, 2001a, p.74).

⁵ Vale ressaltar que não compreendemos que os aspectos teóricos e metodológicos do pensamento de Foucault se separem em instâncias estanques, mas que, antes, elas se retroalimentam, ou, ainda, formam um díptico: suas reflexões são oriundas de suas diversas incursões aos mais variados arquivos que, por sua vez, são abordados e recortados em função de problemas atinentes à ordem de seu presente. Desse modo, a divisão que sugerimos para o desenvolvimento desta reflexão cumpre, tão-só, um fim heurístico, vinculado à apresentação do problema que ora delimitamos.

O humano entre duas perspectivas possíveis: a antropologia metafísica e a antropologia pragmática

O debate com o pensamento antropológico pode ser compreendido como um tema fundamental junto aos textos de Foucault, principalmente em seus trabalhos da década de 1960. Produzidos em um contexto intelectual marcado pela filosofia humanista, notadamente representada pela figura de Sartre⁶, escritos como *As palavras e as coisas* (2007), de 1966, procuram pôr em suspensão convicções construídas entorno da figura do homem junto ao espaço moderno. O diagnóstico realizado neste último trabalho, em particular, apresenta uma imagem célebre quanto à posição de Foucault sobre essa questão: “[...] Uma coisa em todo caso é certa: é que o homem não é o mais velho problema nem o mais constante que tenha se colocado ao saber humano.” (p. 536).

Ora, se o espaço moderno é compreendido como o momento em que há um desencantamento do mundo, momento, pois, onde o desenvolvimento científico, entendido como grande arauto da razão humana, surge como princípio e garantia de criação e organização do mundo em que habitamos -e, ademais, como símbolo de uma suposta evolução diferencial de nossa espécie -, Foucault (2007) procura diagnosticar a formação recente e o fim próximo dessa disposição dos saberes e da posição central ocupada pelo homem junto a ela. Prolongando o pensamento de Nietzsche, para quem o homem fora responsável por eliminar Deus junto à ordem do saber⁷, Foucault compreende que esse gesto não implica necessariamente na ascensão de um novo sujeito soberano. Como destaca em *A arqueologia do saber*, de 1969 (2013): “[...] é possível que vocês tenham matado Deus sob o peso de tudo que disseram; mas não pensem que farão, com tudo o que vocês dizem, um homem que viverá mais do que ele” (p. 254).

Entretanto, compreendemos que, mais do que abnegar qualquer reflexão a respeito do humano, cedendo, assim, a uma espécie de irracionalismo ou relativismo que nega a possibilidade de um sujeito, pensamos que é possível localizar junto ao pensamento de Foucault duas diferentes formas de tratar essa questão: a *antropologia metafísica* – a que se refere os excertos acima – e a *antropologia pragmática* (SARDINHA, 2012/3). Ambas, contudo, possíveis a partir da filosofia de Immanuel Kant. Para melhor sustentar tais afirmações, façamos uma breve digressão.

⁶ Para as relações de Foucault com a filosofia humanista e, principalmente, com os trabalhos de Sartre, conferir (RIBAS (2017).

⁷ A aproximação do desencantamento do mundo e o tema da morte de Deus – ou, então, a aproximação entre Weber e Nietzsche – que sugerimos aqui é desenvolvida em *Weber e o desencantamento do mundo: uma interlocução com o pensamento de Nietzsche* (NOBRE, 2006).

De acordo com o diagnóstico realizado por Foucault (2007), a filosofia de Kant possui um lugar fundamental junto ao limiar da modernidade na medida em que oferece à finitude humana uma posição de epicentro no processo de constituição do conhecimento, não permitindo, assim, que a razão ultrapasse aquilo que é dado em nossas intuições – isto é, em nossas experiências no tempo e espaço. A filosofia crítica, desse modo, realiza a depuração entre aquilo que diz respeito ao nosso conhecimento empírico e aquilo que diz respeito à razão pura – esta que deriva dos limites do saber empírico, mas deles se diferencia (KANT, 2016). Além disso, a crítica também trata das maneiras pelas quais essas duas diferentes instâncias do saber se relacionam. Uma vez especificado o que é próprio à razão humana, sem remetê-la à posição de uma sombra, ou acidente em relação a algo que lhe supera – seja para além ou aquém –, a filosofia de Kant teria aberto a possibilidade de uma reflexão antropológica, de uma interrogação sobre o homem em sua especificidade e não como sombra da figura de Deus.

Dessa possibilidade, há uma bifurcação. Segundo Foucault (2011), por um lado, haveria um veio do pensamento moderno que teria interpretado todo o desenvolvimento da filosofia crítica em função da questão colocada por Kant na introdução de sua *Lógica* (1992), de 1800, especificamente na seção intitulada *O conceito de Filosofia em geral*. Neste trecho, Kant conduz as três questões que sustentam o pensamento crítico a uma quarta interrogação, voltada ao homem em seu *ser*⁸. Por outro lado, em *Antropologia do ponto de vista pragmático* (2006), de 1798, Kant se ocupa com outra interrogação acerca do homem, menos essencialista, ou seja, interessada com aquilo que *ele é* do que ocupada com aquilo que *ele faz*, ou ainda, com aquilo que *ele pode e deve fazer de si mesmo* (SARDINHA, 2012/3)⁹, em suma, com o conjunto de práticas que tornam possível a constituição do homem enquanto sujeito. É a esta última extração, em específico, que Foucault se alinha. Podemos encontrar essa leitura singular no desenvolvimento de sua tese complementar, *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant* (2011), sustentada em 1961.

⁸ A saber: “O domínio da Filosofia neste sentido cosmopolita deixa-se reduzir às seguintes questões: 1) *O que posso saber?* 2) *O que devo fazer?* 3) *O que me é lícito esperar?* 4) *O que é o homem?* À primeira questão responde a *Metafísica*; à segunda, a *Moral*; à terceira, a *Religião*; e à quarta a *Antropologia*. Mas, no fundo, poderíamos atribuir todas essas à Antropologia, porque as três primeiras questões remetem à última” (KANT, 1992, p. 42).

⁹ A saber: “Uma doutrina do conhecimento do homem considerado sistematicamente (antropologia) pode ter um ponto de vista fisiológico ou então pragmático. O conhecimento fisiológico do homem tende à exploração daquilo que a natureza faz do homem, o conhecimento pragmático daquilo que o homem, enquanto ser livremente ativo, faz ou pode ou deve fazer de si mesmo” (KANT, 2006, *prefácio*).

No desenvolvimento de sua tese complementar Foucault que apesar de se ocupar com a questão *O que é o homem?* [*Was ist der Mensch?*], a resposta a este problema não é necessariamente o objetivo principal de Kant – restringindo-se a apenas um episódio em sua longa trajetória. Desse modo, se a filosofia crítica se abre a uma nova dimensão metafísica, a transcendental, cuja preocupação é indicar as condições formais que tornam possível a experiência de um sujeito de conhecimento – condições estas universais e necessárias –, a reflexão desenvolvida por Kant em *Antropologia do ponto de vista pragmático* se organiza a partir de outro plano: trata-se daquilo que Foucault chama de “verdadeiramente temporal” (FOUCAULT, 2011, p. 82-83). Não se trata, portanto, de definir uma essência imutável e a-histórica, ao ser humano, mas, antes, voltar-se ao conjunto de práticas que o delimitam como (co)habitante de um mundo que ele cria e compartilha; trata-se, pois, de uma “análise da maneira como o homem adquire o mundo (seu uso, não seu conhecimento), quer dizer, como ele pode se instalar nele, e entrar no jogo” (FOUCAULT, 2011, p. 47).

Não é nosso intuito nos aprofundarmos aqui nas distinções entre essas duas perspectivas delimitadas por Foucault a respeito da questão antropológica nos escritos de Kant. Mas, para finalizar esta incursão, destaquemos brevemente a concepção de história mobilizada em cada uma delas, isso nos servirá como elo para pensarmos em duas diferentes maneiras de abordar o desenvolvimento humano e, desse modo, estendermos essa questão à noção de adolescência.

Ora, em termos gerais, podemos compreender que junto da questão antropológica que se ocupa com aquilo que o *homem* – problema essencialista *par excellence* – a história, seria entendida enquanto um movimento progressivo e contínuo de realização, mas também de revelação, das leis que o homem já contém em si próprio. Trata-se, portanto, de uma perspectiva continuísta e teleológica, responsável por desvelar uma caminhada de ascensões e quedas da humanidade enquanto espécie rumo ao cumprimento dos fins supremos colocados pela própria razão humana, tal como Kant designa na 2ª proposição de *Ideia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita* (2011): “No homem (única criatura racional sobre a Terra) aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo (p. 5)”.

Entretanto, no desdobramento dessa proposição, Kant salienta que o desenvolvimento de tais disposições “necessita de tentativas, exercícios e ensinamentos para progredir, aos poucos, de um grau de inteligência (*Einsicht*) a outro”. Com isso, ainda que a necessidade do progresso não possa se manifestar de maneira plena em um indivíduo – devido a

incontornável finitude deste último – ela atuaria de maneira cumulativa, a partir do trabalho de uma “série talvez indefinida de gerações que transmitam umas às outras suas luzes [...]”. Desse modo, essa mesma visão continuísta, que caminha em direção a uma suposta essência da natureza humana, não se circunscreve somente a um âmbito coletivo, mas se reproduz, também, em um plano individual. A cada ser humano o desenvolvimento dos fins da razão deve ser o “objetivo de seus esforços”(KANT, 2011, p.6), uma vez que, a despeito de sua efêmera existência, ele deve desenvolver-se de modo a dar sua contribuição nesse processo cumulativo de um progresso coletivo. O futuro, portanto, entendido aqui como o desenvolvimento pleno dessas disposições naturais, implica em parâmetros e normas que overgam no presente em direção a um fim, já estabelecido.

Já a perspectiva pragmática, ocupada com a questão acerca daquilo que o homem *pode* e *deve* fazer de si, se abstém de uma teleologia. As ações dos homens no transcorrer do tempo não indicariam as leis formais de uma evolução ou arevelação de fins supremos, mas, tão-só, um conjunto de práticas que evidenciam um exercício cotidiano, ou ainda, um *uso* e um *jogo* fundamentado em práticas concretas, que se encerram a partir de uma “síntese do presente” (FOUCAULT, 2011, p.47). Retomada por Foucault em suas reflexões da década de 1980, principalmente no artigo *O que são as Luzes?* (2001a), de 1984, a preocupação com as práticas que constituem a atualidade é afirmada por Foucault nos termos de uma *história crítica do presente* articulada a uma *ontologia histórica de nós mesmos*¹⁰. Mais do que apontada em direção a um futuro utópico, estabelecido de antemão, o presente é compreendido enquanto pura diferença, fruto de uma atitude-crítica, um *ethos*, que buscar identificar, mas também instaurar, uma descontinuidade em relação a um passado: este articula-se ao presente, porém, preservando sua especificidade, sua diferença; o trabalho histórico não estabelece, entre ambos, relações de causa e efeito, mas diferenciações que, se não apontam para onde estamos indo, ao menos nos explicita quanto aquilo que deixamos de ser. O futuro, assim, é entendido enquanto abertura a um porvir, sem determinação prévia, mas como uma forma constante de ultrapassagem; de transgressão. Como afirma Diogo Sardinha (2010), “é apenas fixando limites temporais ao modo de ser da ordem e recusando, ao mesmo tempo, a ideia de progresso, é que se pode propor um pensamento de

¹⁰ É importante ressaltar que a passagem de uma preocupação com a questão da antropologia pragmática para uma ontologia histórica não se dá junto ao pensamento de Foucault de forma linear, mas, antes, a partir de diversos deslocamentos e inflexões. Aplainamos tais termos aqui em função do problema desenvolvido na presente reflexão, cientes, entretanto, de que apesar das proximidades tratam-se de temas cujas variações merecem ser tratadas de maneira pormenorizada.

ultrapassagem desses limites”, ultrapassagem pensada, aqui, enquanto “uma libertação em relação à maneira de ser que nos mantém cativos” (p. 186).

Com esse joguete construído entre o que seria uma perspectiva essencialista, metafísica, e outra pragmática podemos, assim, alimentar o problema que envolve os discursos que tratam da adolescência em nossa atualidade em termos absolutos. A desconfiança com esses e outros universais que a leitura de Foucault nos sugere, agora, conduz à tentativa de verificar se junto ao campo de saberes *psia* adolescência não surge, justamente, tomada por uma visão por demasiado essencialista e imbuída de uma visão teleológica do desenvolvimento humano. Serão tratadas, aqui, as seguintes fontes: I. Manuais de Psicologia do Desenvolvimento, quais sejam: *Psicologia da adolescência* (PFROMM NETO, 1970) e *Psicologia da adolescência – uma psicologia do desenvolvimento* (DOTTI, 1973); II. Textos teóricos oriundos do campo da Psicanálise: *Adolescência Normal* (ABERASTURY e KNOBEL, 1985) e *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (LEVISKY, 1998); III. Manuais de Diagnóstico Psiquiátrico (DSM, 1970, 1995, 2013) e Projetos do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento. Importante destacar que o recorte centrado nas práticas *psi* foi estabelecido, conforme destacam Coimbra (1995) e Foucault (2001a), pelo entendimento do lugar de proeminência que tais saberes assumem entre as linhas de força que atravessam a construção do “homem moderno”; e, por esse mesmo motivo, pelo reconhecimento do potencial de resistência possível de ser engendrado a partir desses próprios discursos – como já é possível atestar em diversas produções atuais advindas desses campos¹¹. O estabelecimento desse recorte é claramente inspirado pela arqueogenealogia¹² de Foucault, o efetuamos, porém, cientes de que estamos vergando-a, fazendo-a “ranger”¹³, em função de nossos desígnios.

¹¹Nesse sentido, podemos citar iniciativas como as de (COIMBRA & NASCIMENTO, 2005), (COIMBRA, BOCCO & NASCIMENTO, 2005) e (CÉSAR, 1999).

¹²Importante destacar que não apresentamos a arqueogenealogia como um conceito absoluto mas, sim, como uma perspectiva de trabalho que nos permite articular as formações e práticas discursivas e não discursivas que envolvem a construção da adolescência evidenciando as articulações entre história, poder, saber e verdade. Apresentamos, assim, a arqueogenealogia como uma articulação teórico-metodológica, em interlocução com outros estudiosos do pensamento de Foucault e das possibilidades de pensar *com* ele e *a partir* dele, tais como (ARAÚJO, 2001, 2007) e (CUNHA et. al., 2014).

¹³Como o próprio Foucault sugere quando comenta sua relação com o pensamento de Nietzsche: “[...] quanto a mim, os autores que aprecio, eu os utilizo. O único sinal de reconhecimento que se pode ter para com o pensamento como o de Nietzsche é precisamente utilizá-lo, deformá-lo, fazê-lo ranger, gritar” (FOUCAULT, 2001b, p. 1621). Esta e todas as outras referências feitas aos *Dits et écrits* (2001a, 2001b) utilizadas no decorrer deste texto são de nossa tradução.

As fabricações da adolescência enquanto momento de crise– cruzamentos entre psicologia, psicanálise e psiquiatria

A emergência histórica da adolescência como objeto de investigação e, posteriormente, como conceito sustentado pela ideia de crise natural, é marcada por linhas de forças de diferentes campos do saber, como por exemplo: saberes médicos, psicológicos, psiquiátricos, pedagógicos e jurídicos. Considerando que as linhas que atravessam a problemática da adolescência não são passíveis de reduções e universalizações, podemos localizar a atual noção de adolescência – em suas determinações conceituais e limites cronológicos – enquanto uma construção histórica situada a partir dos movimentos de reorganização política, econômica e social que, engendrados pela expansão do capitalismo, marcaram o século XIX (COSTA, 2004).

As transformações no bojo desse processo envolvem não só o campo da política e da economia, mas também as concepções a respeito do homem e de sua existência. Com os olhares centrados na consolidação de um novo sistema, cresce o interesse pelos indivíduos e as possibilidades de melhor conhecê-los e lapidá-los em consonância às demandas sociais materializadas nas noções de ordem e progresso. Instaure-se, pois, um modo, também, de produção de individualidades e subjetividades pautado nos preceitos dessa sociedade desenvolvimentista (MACHADO, et. al., 1978).

É nesse campo de produção de uma “vida normal” que a adolescência começa a emergir como objeto. No Brasil do início do século XX, enxergava-se na puberdade e na adolescência um dos momentos mais delicados e promissores para o fortalecimento da nação, sugerindo que o investimento na promoção do amor à pátria emergia em momentos específicos da evolução biológica:

o nacionalismo político ganhava, assim, uma nova ordem biológico-moral e a medicina inventava um personagem higiênico, cuja existência social era, até então, quase despercebida [...] ao adolescente deveria corresponder um adulto adequado ao seu desenvolvimento e uma criança responsável por seu crescimento (COSTA, 2004, P. 72/73).

Atrelado às práticas médicas, as práticas *psi* já enunciavam a entrada da adolescência como uma das esferas da vida humana. É o caso do trabalho do psicólogo Stanley Hall (1904) que localiza a adolescência como objeto do campo da psicologia do desenvolvimento a partir da elaboração de uma descrição das condições de existência desse momento do desenvolvimento humano. Entusiasta da teoria evolucionista de Charles Darwin,

Hall desenvolveu o que chamou de Teoria Biogenética da Recapitulação, que partia do princípio de que a ontogenia repete e recapitula a filogenia, ressaltando, pois, a importância dos fatores genéticos e excluindo as influências do meio social e cultural na formação do indivíduo (ZANOTTI, 2006); para Hall, o final da adolescência recapitulava o período do começo da civilização moderna que corresponde ao término do desenvolvimento e o alcance da maturidade. Este trabalho tornou-se um marco nas investigações sobre a adolescência exercendo grande influência no campo da Psicologia Evolutiva e em suas produções subsequentes, consolidando um discurso hegemônico que considera a adolescência como um período de instabilidades.

A influência predominante de Hall pode ser observada inclusive na forma de apresentação das obras subsequentes, as quais, em sua maioria, tratam especificamente das mais variadas configurações que a “adolescência” recebera daquele autor. Apresentando a “adolescência” como um ‘objeto’ recém descoberto pela ciência, os especialistas foram prolíficos em atribuir a essa fase da vida ‘novas’ designações e representações que, na verdade, apenas repetiam a velha associação entre a “adolescência” e o período de ‘tempestades e tormentas’. Deste modo, a “adolescência” foi descrita e caracterizada segundo termos tais como “crise da adolescência”, “drama da adolescência”, “fase inquietante”, “tempo de transtorno”, “idade ingrata”, “fase negativa”, entre outros (CÉSAR, 1998, p. 41).

É a partir de Hall que algumas vertentes da psicologia do desenvolvimento edificaram sua perspectiva evolutiva tomando o desenvolvimento humano como um processo contínuo, ordenado, com uma sequência uniforme e progressiva. Com essa concepção linear de tempo, investe-se na divisão em fases – infância, adolescência, idade adulta. Nesse sentido, a psicologia evolutiva se configurou como “psicologia individual”: segundo Piaget (1971), “a psicologia tem por objetivo último a compreensão, a previsão e o controle do comportamento” (p.33); asserção que Dotti (1973), faz eco ao entender que a compreensão do psiquismo do indivíduo, em particular, seria o principal objeto deste saber que visa “[...] essencialmente pela normalidade do processo de desenvolvimento individual” (p. 152-153).

Tais acepções possibilitam uma série de produções acerca da adolescência. Torna-se comum a composição desse arquivo a partir de diversos Manuais de Psicologia da Adolescência, como os analisados neste trabalho, que, inseridos na perspectiva da máxima produção de conhecimento sobre o homem, organizam descrições do que seria “o novo período da vida humana” essencial ao pleno desenvolvimento do sujeito ideal. A matriz de organização desses manuais compõe um detalhado aparato documental que apresenta o

desenvolvimento humano a partir de características gerais. Um modelo de produção discursiva que se utiliza da tecnologia do exame, uma vez que marca os indivíduos no campo documentário com a produção de dossiês das minúcias comportamentais a fim da máxima apreensão e controle da conduta individual em todas as esferas da vida (FOUCAULT, 1991).

Maturidade é a palavra de ordem, a meta final de todo o caminho evolutivo e, portanto, “deve ser prevista e construída paulatinamente pelo indivíduo, desde a infância e, principalmente, desde a adolescência” (DOTTI, 1973, p. 414). O desenvolvimento emocional ganha destaque uma vez que é, propriamente, objeto de intervenção da psicologia. Reforça-se, dessa maneira, a noção de adolescência como o momento primordial dos conflitos que perturbam a existência, isolando-a no movimento de busca pela plena identidade adulta.

A adolescência é, assim, abarcada como o período crítico de estabilização do desenvolvimento, estruturação e maturação da personalidade. O final da adolescência é localizado, também, como o final das tarefas evolutivas do homem, constituído, assim, em um modo de vida determinado e concernente à ordem e ao progresso social, e orientando-se para

aceitar e aproveitar o máximo do corpo; estabelecer relações sociais mais adultas com companheiros de ambos os sexos; chegar a ser independente dos pais e de outros adultos, dos pontos de vista emocional e pessoal; escolha de uma ocupação e preparação para a mesma; preparação para o noivado e matrimônio; desenvolvimento de civismo; conquista de uma identidade pessoal, uma escala de valores e uma filosofia de vida (PFROMM NETO, 1971, p. 7).

Os preceitos desenvolvimentistas da organização social se engendram, como vemos, em concepções acerca do desenvolvimento humano. A adolescência recebe contornos cada vez mais fortes como etapa de um processo de aprimoramento físico e emocional. Contemporânea à Stanley Hall e presença marcante nas proposições de Manuais de Psicologia do Desenvolvimento, destacamos a psicanálise como uma segunda linha de força, um outro movimento, no campo dos saberes *psique* mobilizam a naturalização da *díade* adolescência-crise.

A psicanálise se vincula à produção discursiva sobre a adolescência quando fixa a construção da identidade pessoal como tarefa mais importante nesse período de transformação do indivíduo adulto, maduro e produtivo. Entretanto, o conceito de adolescência não aparece nas produções iniciais da psicanálise. Não o encontramos, por exemplo, nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1987), quando Freud se ocupa da vida erótica do sujeito destacando o

caráter psicosssexual do desenvolvimento infantil e sustentadas reflexões acerca da puberdade enquanto estágio final do desenvolvimento sexual normal do adulto futuro.

Enquanto Freud pouco discorreu sobre a adolescência em seus trabalhos, Anna Freud consolidou uma teoria sobre o desenvolvimento da adolescência onde a crise, agora, é destacada como uma necessidade no processo de constituição do adulto normal. A autora assume um posicionamento que destaca e, ao mesmo tempo, rejeita, as mudanças e conexões nas relações entre o funcionamento psíquico e o fisiológico (ZANOTTI, 2006). De qualquer modo, há em suas reflexões uma atualização dos conceitos de Sigmund Freud, uma vez que, no desenvolvimento humano, a puberdade coteja “o início e a raiz da sua vida sexual, da capacidade de amar e do caráter como um todo” (FREUD, A. 2006, p. 117).

Após os trabalhos de Anna Freud foram muitas as aproximações entre adolescência e crise a partir da construção de uma análise da formação da identidade, do ponto de vista dos processos de interiorização e de construção do aparelho psíquico. Este percurso marca uma diferença em relação aos manuais de psicologia do desenvolvimento que se ocupavam, por sua vez, de uma análise dos processos comportamentais e hábitos de conduta. Destacamos, aqui, entre tais, os trabalhos organizados pelos psicanalistas Arminda Aberastury e Maurício Knobel (1980, 1985), produzidas no início da década de 1960. Como uma nova perspectiva na literatura científica a respeito da adolescência, os trabalhos desses autores compõem um discurso cuja regularidade é marcante nas produções de fins do século XX. O caráter inovador de tais propostas remeteria, pois, a uma possibilidade para se pensar os processos subjetivos na adolescência por uma via não patologizante dos comportamentos – possibilidade aberta quando a crise é incluída como parte da construção subjetiva. No entanto, se efetiva também uma perspectiva essencialista de uma identidade adolescente que passa a ser tratada de forma universal.

Em termos gerais, a adolescência é apresentada como uma fase do desenvolvimento humano onde o indivíduo estaria apto a sofrer os impactos de uma realidade frustrante. Tal sofrimento seria decorrente de três lutos fundamentais, quais sejam: luto pelo corpo infantil, luto pelo papel e a identidade infantil e o luto pelos pais da infância; há, ainda, um quarto luto caracterizado pela bissexualidade infantil perdida. Esses fatores, tomados como intrínsecos ao indivíduo adolescente, determinam a crise essencial da adolescência como necessária para que se estabeleça a identidade adulta, “objetivo fundamental desse momento da vida” (ABERASTURY, 1985, p. 9).

À adolescência é atribuída uma vulnerabilidade especial, onde as mudanças corporais e psíquicas irão implicar a busca por uma nova identidade: tratada sempre em relação ao passado, de uma infância que não mais habita seu corpo, e um futuro, como expectativa do adulto que ela deve se tornar. Ao afirmarem a crise como essencial, acabam por condicionar a realidade, e toda sua complexidade, às condições internalizadas nos sujeitos. Tal noção de essência, em particular, caracteriza a crise como uma condição *a priori* da adolescência e prepara o terreno para a produção de bases universais para o desenvolvimento humano e seus processos subjetivos, abrindo o caminho para interpretações da própria adolescência como desviante ou, até mesmo, recorrendo à sua patologização como tal (PERES & ROSENBERG, 1998).

Encontramos, também, movimentos de universalização da crise normal da adolescência, sustentados nas acepções de Knobel (1985), em produções nacionais contemporâneas como nos trabalhos de Luiz Carlos Osório (1992) que destaca que “[...] mesmo em condições de vida extremamente adversas [...] podemos encontrar a seqüência dos eventos psicodinâmicos que configuram o processo adolescente e a crise de identidade que o caracteriza” (p. 21), e David Levisky (1998) reforçando que “[...] qualquer que seja o contexto sociocultural, a adolescência será sempre um período de crise e de desequilíbrio”. (p. 26).

Podemos delimitar, assim, que o fio condutor dos discursos aqui apreciados é a localização da adolescência como o momento de definição e cristalização da personalidade, marcado pela perda da identidade infantil e a busca pela identidade adulta. Encontramos essas diretrizes nos trabalhos de Aberastury (1985) que afirma que “a adolescência é uma etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento” (p. 13); de Knobel (1985) que apresenta a adolescência como “o processo de elaboração das ansiedades básicas desde o nascimento que levará o indivíduo até a maturidade” (p. 29); em Levisky (1998) que tece considerações em torno de uma ideia de que “o processo adolescente marca a transição do estado infantil para o estado adulto” (p.21). Vemos, em suma, a localização do indivíduo adolescente em um “entre dois”, um “não lugar” no processo de desenvolvimento (MOURA, 2005).

Nessa via, podemos pensar a partir do mito da Fênix, o que reforça uma acepção de adolescência como um momento vazio da existência, um não-ser. A matriz *Fênix* → *cinzas* → *nova Fênix* se atualiza nas etapas do desenvolvimento humano: *infância* → *adolescência* → *idade adulta* (MOHR & VALORE, 2009).

Enfim, parece que a adolescência pode ser resumida como o fim da vida infantil, de uma etapa em que, socialmente, tudo, ou quase tudo, é possível, e início dos lutos e da confusão, sendo apurada, como resultado, a ‘perda de si mesmo’, ou melhor, a perda de quem se era e não se é mais. (MOHR & VALORE, 2009, p. 9).

Entre os períodos da infância e da idade adulta, pois, as cinzas. A partir da discussão empreendida até aqui é possível pensar que a imagem da adolescência naturaliza-se e universaliza-se em semelhança a um cataclismo esperado e entendido enquanto um problema, seja do ponto de vista dos comportamentos sociais, como encampado pela psicologia do desenvolvimento, seja do ponto de vista da formação do psiquismo, como acentuado pela psicanálise (ZANOTTI, 2006). A crise se estabelece como um enunciado de reconhecimento universal do processo adolescente entendido sob uma perspectiva linear e continuísta com o objetivo de garantir o pleno desenvolvimento do adulto – ou do futuro. Esta perspectiva de solução de problemas que coteja o desenvolvimento adolescente orienta, também, as práticas e políticas psiquiátricas, terceira linha do que buscamos mobilizar nesta discussão.

A psiquiatria se estabelece como braço forte dos processos de normalização social a partir do século XIX, articulando as práticas de produção, promoção e manutenção da ordem (FOUCAULT, 2006; 2011). Para pensá-la no campo dos saberes *psi* que desenham a adolescência, em sua atualidade, recortamos aqui o campo da Psiquiatria do Desenvolvimento e suas propostas de intervenção sobre a adolescência a partir do deslocamento da noção de crise para a noção de risco revelando uma nova relação entre tempo e desenvolvimento. Nesta proposta contemporânea propõe-se, então, investir e estabelecer um processo de gestão dos riscos para o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos por meio de um projeto de prevenção em larga escala, onde a adolescência é estabelecida como lugar privilegiado de intervenção¹⁴.

O desenvolvimento emerge, assim, como aquilo que deve ser aprimorado, reatualizando em um diferente diapasão sua função enquanto norma delimitada por regras sociais e em relação a qual todos devem passar e responder adequadamente:

Nessa medida, o desenvolvimento é comum a todo mundo, mas é comum muito mais como uma espécie de ótimo, como uma regra de sucessão

¹⁴A proposta de criação do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Psiquiatria do Desenvolvimento para a Infância e Adolescência (INPD) vem ao encontro da principal necessidade de saúde da sociedade contemporânea - a promoção da saúde mental. O INPD propõe um conjunto coeso e sólido de iniciativas e projetos de pesquisa [...] que, integrados, almejam dois grandes objetivos para a área de saúde mental no Brasil: 1) testar ferramentas e métodos para promover o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente, preparando-os para a vida adulta; 2) introduzir um novo paradigma para a psiquiatria brasileira – o da Psiquiatria do Desenvolvimento (REV. BRAS. PSIQUIATR., 2009, p. 85)

cronológica com um ponto ideal de chegada. O desenvolvimento é, portanto, uma espécie de norma, em relação à qual nos situamos, muito mais do que uma virtualidade que possuiríamos em nós (FOUCAULT, 2006, p.263).

Uma vez que o foco de ação é o desenvolvimento, no presente, as estratégias de intervenção formarão uma força-tarefa¹⁵ a fim de executar uma missão comum específica: prevenir os riscos ao desenvolvimento normal com o objetivo de “estudar estratégias e intervenções para prevenção de doenças mentais em adultos a partir de ações voltadas à infância e adolescência” (REVISTA DEBATE: PSIQUIATRIA HOJE, 2009, p. 17). Uma proposta a ser efetivada em três movimentos: “estudar o passado, garantir o futuro, cuidar do presente” (INPD, s/d). É o foco nas estratégias de prevenção, da possibilidade de evitar que o mal apareça, que marca a atualidade das práticas psiquiátricas para adolescência.

Ainda que a noção de desenvolvimento se mantenha sob uma perspectiva linear e continuísta, ao pautar as intervenções pela noção de risco, e não mais de crise, estabelece-se um novo ponto – ou tempo - ideal de chegada: o próprio presente. Podemos pensar este movimento como o estabelecimento de um arranjo epidemiológico pautado em uma nova relação com o tempo futuro que estabelece, por sua vez, outras funções e modos de intervir sobre o presente. Se, com as práticas psicológicas e psicanalíticas o cerceamento do desenvolvimento adolescente se faz a fim de garantir um futuro – adulto – ideal, na atualidade, com tais práticas psiquiátricas, as intervenções sobre a adolescência visam evitar a iminência de um futuro de transtornos psiquiátricos na vida adulta, a partir da criação de sistemas e instituições para gerenciar e controlar os riscos que os assolam. Um novo impulso às tecnologias de medicalização, onde o risco se torna categoria política e elevado a um patamar quase apocalíptico, coloca em foco o medo e a insegurança; uma possibilidade mais sofisticada de generalização do poder médico que atua, agora, basicamente, a partir de predições e suposições, retroalimentando o imaginário de um porvir entendido enquanto catástrofe (NETO & CAPONI, 2010).

Como proteger e assegurar o presente diante da ameaça do risco de tais transtornos psiquiátricos? As práticas preventivas retornam, pois, como solução para identificá-los e trata-

¹⁵Termo de origem militar que caracteriza a formação de um grande grupo composto por diferentes tipos de equipamentos, ou departamentos, a fim de executar uma missão específica (LIMA & CAPONI, 2011). A força tarefa da psiquiatria do desenvolvimento organiza, então, um arranjo composto por 16 de projetos dirigidos a população infanto-juvenil que evidenciam, justamente, o compromisso com a antecipação diagnóstica a partir da identificação dos indivíduos em risco e com o amplo alcance social, oriundos da coleta de dados provenientes de todos os setores da rede de atenção psicossocial dos sujeitos envolvidos. O arranjo de projetos do INPD está disponível para acesso em: http://inpd.org.br/?page_id=4062

losno presente, ou ainda, na adolescência. Da efetivação das práticas psiquiátricas hiperpreventivas destacamos a criação de um perfil de risco enunciado em diferentes categorias diagnósticas apresentadas nos *Manuais de Diagnósticos e Estatísticas de Transtornos Mentais* (DSM) (APA, 2013) e em projetos articulados a partir do INPD¹⁶: o adolescente do gênero masculino de baixa renda.

Entre as categorias diagnósticas, na última edição do DSM (APA, 2013), estão a *Síndrome de Risco para Psicose* (ou Síndrome da Psicose Atenuada) apresentada como uma nova categoria a ser pesquisada e incluída na próxima atualização¹⁷ do referido manual e os *Transtornos de Conduta*, em específico o *Transtorno de Oposição e Desafio* (ou Transtorno Opositor Desafiador) apresentado como categoria que supõe um alto risco para o desenvolvimento do transtorno de personalidade antissocial marcado por comportamento violentos ou criminosos na vida adulta (CAPONI, 2018).

A vigília dos comportamentos mantém a adolescência como momento crucial de intervenção e peça chave para a predição e a prevenção de possíveis desvios e potenciais desviantes. Isso se conecta a um círculo vicioso de exclusão que se efetiva, atualmente, por exemplo, com a generalização das práticas de internação psiquiátrica para adolescentes que fazem uso de álcool e outras drogas (CUNDA, 2011) como também daqueles envolvidos em atos infracionais (SCISLESKI, 2006). Tais movimentos nos permitem interrogar as implicações da generalização das práticas psiquiátricas sobre a adolescência e as transformações do campo social em um asilo ilimitado, um manicômio difuso, onde “a psiquiatrização [já] não é qualquer coisa que chega aos mais estranhos, aos mais excêntricos entre nós; ela pode surpreender a todos nós e em todo lugar, nas relações familiares, pedagógicas, profissionais” (FOUCAULT, 2001a, p. 273-74).

Considerações finais

Como afirmamos de saída, entendemos que as possibilidades de atualizar o pensamento de Foucault se desdobram de inúmeras formas, já que são mobilizadas a partir de diferentes problemas. Ao movimento de consultar seus escritos, e os diversos comentadores

¹⁶ Em específico o Projeto Atenção Brasil – Educando com a ajuda das neurociências. Um retrato atual da criança e do adolescente brasileiro (2010) desenvolvido pelo Instituto Glia – Cognição e Desenvolvimento que, apoiado nos estudos do INPD, fortalece a organização das práticas preventivas com focos nas ações de detecção e prevenção de riscos a partir da aproximação com as neurociências.

¹⁷ Atualmente em sua quinta edição, publicada em 2013, o DSM contou com atualizações nos anos de 1952, 1968, 1980, 1987, 1994 e 2000. Entre a primeira e a quarta edição, por exemplo, é possível notar o aumento do número de 106 para 297 diferentes categorias diagnósticas.

que a eles se debruçaram, se acrescenta, então, a inquietação de um presente que escande a possibilidade de frequentar os textos de Foucault seguindo não somente um fio, um caminho, certo e seguro, mas, antes, testando a possibilidade de nele viabilizar múltiplas entradas, desvios e saídas. Quanto a isso, tentamos, de algum modo, fazer eco à sugestão feita por Edson Passetti (2008): “pegue-o por onde quiser, mas frequente-o” (pg. 109).

Diante de um cenário onde as tentativas de intervenção e normatização da adolescência se transformam, a concepção de crise, que a imanta como algo que lhe fosse natural, assume diferentes funções. Nos parece que, agora, sob a noção de risco, o futuro é encampado por uma perspectiva escatológica que, de algum modo, coloca o desafio constante de tentar apreender, seja pelo excesso de diagnósticos ou de intervenções – constantemente atualizados –, uma adolescência que sempre escapa e transborda a essas tentativas.

Seja em função de um futuro como promessa ou como tragédia, o presente desta etapa da vida ainda é pouco abordado pelas vias dos limites que o singularizam e o especificam, sendo submetido a uma concepção específica a respeito do desenvolvimento humano. É justamente na busca de outras formas de estabelecer essa questão que remontamos ao pensamento de Foucault, primeiro para pensar que quando abordado em função de uma continuidade, o desenvolvimento humano pode ser pensado à luz de uma perspectiva antropológica que, de alguma maneira, tem em seu horizonte uma preocupação com aquilo que o *humano é*; em seguida buscamos salientar, como contraponto, que mais do que simplesmente se afastar desse tipo de preocupação, Foucault sugere uma outra perspectiva possível, voltadas às práticas concretas que historicamente dão existência a diferentes formas para o humano e que se desdobram nos limites do presente.

Com isso, tentamos cotejar a construção sugerida no primeiro movimento quando nos voltamos, dessa vez sob a inspiração do método arqueogenealógico, a um conjunto de textos que compõe os saberes *psi* para apontar as diferentes ordens a que a adolescência é submetida; todos elas, entretanto, articulando noções-chave, como crise ou risco, que evidenciam diferentes formas de pensar o desenvolvimento humano enquanto linearidade, como um trajeto fechado, disposto no espaço entre o nascimento e a morte, e que, diante dessa incontornável caminhada, não suporta desvios ou mudanças de trajeto senão para tratá-los como uma ratificação desse caminho predisposto.

Mais do que uma imagem única e coesa acerca do indivíduo, o que os escritos advindos dos saberes da psicologia, psicanálise e psiquiatria apresentam são concepções e preocupações produzidas em momentos históricos e problemas distintos. Contudo, não

entendemos, também, que a cronologia desses três saberes pressupõe que, entre eles, exista algum tipo de evolução – de modo que a psicologia seria uma suposta origem e a psiquiatria um termo final, ou melhor desenvolvido. Trata-se, antes, de compreender que, apesar de emergirem em períodos distintos, essas três linhas de força continuam a operar, com ritmos e dinâmicas distintas, junto com diversas outras, como os saberes pedagógicos, médicos e jurídicos, na construção da concepção de adolescência que permeia nossa atualidade.

Quanto ao segundo movimento, enfim, quem sabe possamos entendê-lo como uma abertura, ou melhor, como uma tentativa de dirigirmos à adolescência perguntas menos essencialistas – *o que ela é?* – para tentar pensá-la em função de problemas, digamos, mais pragmáticos: quais são as práticas concretas que constituem a adolescência hoje? De que maneira, em nosso presente, ela é tratada, cerceada, medicada, institucionalizada, perseguida e morta (e quais os marcadores que a colocam?) Mas, principalmente, que práticas esses sujeitos mobilizam ao entrar nesse jogo? Uma vez nele, que resistências produzem? A adolescência, nesse caso, poderia ser pensada como uma linha capaz de abrir nosso presente ao devir e a formas outras de pensar e agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. O Adolescente e a Liberdade. In: Aberastury, A. & KNOBEL, M. *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. Tradução: Suzana Maria GaragorayBalve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*(1970). Tradução: Suzana Maria GaragorayBalve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- ARAÚJO, I. L. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Ed. Da UFPR, 2001.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM – 5. Washington, DC/ London: American Psychiatric Publishing, 2013.
- ARAÚJO, I. L. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. In: RAGO, M. & MARTINS, A. L. *Dossiê Foucault*. Revista Aulas, n.3, 2007, p. 1-24.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NEUROLOGIA E PSIQUIATRIA INFANTIL E PROFISSÕES AFINS (ABENEPI). *Educando com a ajuda das neurociências: cartilha do educador*. Ribeirão Preto: Instituto Glia, 2010.
- CAPONI, S. N. Dispositivos de segurança, psiquiatria e prevenção da criminalidade: o TOD e a noção de criança perigosa. In: *Saúde Soc.*, v. 27, n.2, 2018, p.298-310.
- CÉSAR, M. R. de A. *A Invenção da Adolescência no discurso Pedagógico*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- COIMBRA, C. M. R. *Guardiões da ordem – as práticas psi no Brasil do milagre*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1995.
- COIMBRA, C. M. R. et. al. Subvertendo o conceito de adolescência. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 57, n. 1, p. 2-11, 2005.
- COIMBRA, C. M. R. & NASCIMENTO, M. L. A produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa?, 2009, p. 58-63. Disponível em: <<http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/livia/aproducao.pdf>> Acesso em: 20 set 2018.
- COSTA, J. F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- CUNDA, M. *Tramas empedradas de uma psicopatologia juvenil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- CUNHA, A. C. M. et. al. A arqueogenealogia como ferramenta de pesquisa no campo da Atenção Psicossocial. In: *Revista de Ciências Humanas – RCH/UFSC*, v.48, n.2, 2014, p.186-203.

DOTTI, S. *Psicologia da Adolescência – uma psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1973.

FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução: Salma Tannus Muchail. 9ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Arqueologia do saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

_____. *Dits et écrits II. 1976-1988*. Paris: Quarto Gallimard, 2001a.

_____. *Dits et écrits I. 1954-1975*. Paris: Quarto Gallimard, 2001b.

_____. *Gênese e estrutura da antropologia de Kant*. Tradução: Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo : Edições Loyola, 2011.

_____. *Os anormais*. Curso no Collège de France (1974-1975). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *O poder psiquiátrico*. Curso no Collège de France (1973-1974). Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Vigiar e Punir – história da violência nas prisões*. Tradução: Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 9ª edição, 1991.

FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Tradução: Álvaro Cabral Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

FREUD, S (1901-1905). Três Ensaios sobre a sexualidade. In: Ed. Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de S. Freud*, vol. 7. Trad: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

INSTITUTO Nacional de Ciência e Tecnologia de Psiquiatria do Desenvolvimento para a Infância e Adolescência (INPD) *Projeto Prevenção*, s/d. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/inpdprojeto-prevencao/home>>. Acesso em: 22 jan 2019.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolíticas – cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2005.

HALL, G. S. *Adolescence: its psychology and its relations to anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*. New York, Appleton. 1904.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução e notas: Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Editoria Vozes, 2016.

_____. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Célia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Lógica*. Tradução do texto original estabelecido por Gottlob Benjamin Jäsche de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

_____. *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Org. Ricardo R. Terra; trad. Rodrigo Naves, Ricardo R. Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LEVISKY, D. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MACHADO, R. et. al. *Danação da norma – medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Petrópolis: Graal, 1978.

MOHR, A.M & VALORE, L.A. Rebeldia Adolescente: um olhar à luz das contribuições psicanalíticas. In: *PsicoDOM*, nº4, Curitiba, 2009, p. 1- 18.

MOURA, F. C. Adolescência: efeitos da ciência no campo do sujeito. In: *Revista de Psicologia Clínica*, vl. 17, nº2, Rio de Janeiro, 2005, p. 113-125.

NETO, P. P & CAPONI, S. N. Medicalização: revisitando definições e práticas. In: TESSER, C. D. (org). *Medicalização do social e atenção à saúde no SUS*. São Paulo: Editora Hucitec, 2010, p. 35-51.

NOBRE, R.F. Weber e o desencantamento do mundo: Uma interlocução com o pensamento de Nietzsche. In: DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 49, nº 3, 2006, pp. 511-536. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/dados/v49n3/a03v49n3.pdf>>. Acesso em: 28 jul 2018.

PASSETTI, E. Heterotopia, anarquismo e pirataria. In: *Figuras de Foucault*. Organização: Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PFROMM NETO, S. *Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

PERES, F. & ROSENBERG, C. P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso médico na saúde pública. In: *Saúde e Sociedade*, 1998.

PFROMM NETO, S. *Psicologia da Adolescência*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

REVISTA DEBATE: PSIQUIATRIA HOJE. *Editorial*, 2009, p. 5.

RIBAS, T. F. *Foucault: saber, verdade e política*. São Paulo: Intermeios, 2017.

SARDINHA, D. As duas ontologias críticas de Foucault: da transgressão à ética. In: *Trans/Form/Ação*, v. 33, n.2, p. 177-192, 2010. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/transformacao/article/view/1038/937>> Acesso em: 15 Out. 2018.

_____. Différence entre l'anthropologiepragmatique et l'anthropologiemétaphysique.
In: In: *Rue Descartes*, Collège international de Philosophie, nº 75, p. 46 - 59, 2012/3.
Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2012-3-page-46.htm>>. Acesso
em: 16 Set. 2017.

SCISLESKI, A. C. C. “*Entre se quiser, saia se puder*”: os percursos dos jovens pelas redes sociais e a internação psiquiátrica. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

VEYNE, P. *Foucault*: seu pensamento, sua pessoa. Tradução: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ZANOTTI, S. *Os jovens e o agir: respostas ao mal-estar*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.